

# RELACIONAMENTOS AFETIVO-SEXUAIS ENTRE MULHERES NO PRESÍDIO

Submetido em: 20/10/2025

Aceito em: 2/3/2026

Publicado em: 13/5/2026

Ananda Santos Pimentel<sup>1</sup>, Rafael de Oliveira Silva<sup>2</sup>

Tânia Christiane Ferreira Bispo<sup>3</sup>, Lilian Conceição Guimarães de Almeida<sup>4</sup>

Priscila Kiselar Mortelaro Franceschini<sup>5</sup>, Nara dos Santos Mariano<sup>6</sup>

PRE-PROOF

(as accepted)

Esta é uma versão preliminar e não editada de um manuscrito que foi aceito para publicação na Revista Contexto & Educação. Como um serviço aos nossos leitores, estamos disponibilizando esta versão inicial do manuscrito, conforme aceita. O manuscrito ainda passará por revisão, formatação e aprovação pelos autores antes de ser publicado em sua forma final.

<https://doi.org/10.21527/2179-1309.2026.123.17475>

## RESUMO

Os relacionamentos afetivo-sexuais entre mulheres privadas de liberdade constituem experiências atravessadas por desigualdades de gênero, controle institucional e fragilização dos vínculos sociais. Este estudo teve como objetivo analisar os fatores que influenciam os relacionamentos afetivo-sexuais entre mulheres privadas de liberdade, considerando o contexto institucional, as relações de poder e os marcadores sociais que atravessam essas vivências. Trata-se de uma pesquisa de campo, de abordagem qualitativa, realizada em um presídio

---

<sup>1</sup> Universidade Federal da Bahia – UFBA. Salvador/BA, Brasil. <https://orcid.org/0000-0002-2425-8589>

<sup>2</sup> Universidade Federal da Bahia – UFBA. Salvador/BA, Brasil. <https://orcid.org/0009-0003-3342-3448>

<sup>3</sup> Universidade Federal da Bahia – UFBA. Salvador/BA, Brasil. <https://orcid.org/0000-0002-5632-0973>

<sup>4</sup> Universidade Federal da Bahia – UFBA. Salvador/BA, Brasil. <https://orcid.org/0000-0001-6940-9187>

<sup>5</sup> Universidade Federal da Bahia – UFBA. Salvador/BA, Brasil. <https://orcid.org/0000-0002-9253-7096>

<sup>6</sup> Universidade Federal da Bahia – UFBA. Salvador/BA, Brasil. <https://orcid.org/0009-0009-3715-1498>

## RELACIONAMENTOS AFETIVO-SEXUAIS ENTRE MULHERES NO PRESÍDIO

feminino no município de Salvador, Bahia. A produção dos dados ocorreu por meio de entrevistas semiestruturadas com 13 mulheres privadas de liberdade, participantes de oficinas socioeducativas, e a análise foi conduzida a partir da análise de conteúdo. Emergiram quatro categorias analíticas: abandono familiar e parceria; necessidade; segurança; e atração física. Os resultados indicam que os relacionamentos afetivo-sexuais no cárcere configuram-se como estratégias de enfrentamento do encarceramento, associadas à carência emocional, à busca por proteção e à reconstrução de vínculos afetivos diante do abandono familiar e do controle institucional. Observou-se ainda que a atração física se articula a expressões de gênero performativas, especialmente à valorização de performances masculinizadas, compreendidas como construções sociais situadas e não como disposições naturais ou patológicas. Conclui-se que a vivência da sexualidade no cárcere feminino é relacional, dinâmica e socialmente construída, sendo atravessada por marcadores interseccionais de gênero, raça, classe e sexualidade, o que evidencia a necessidade de políticas e práticas institucionais que reconheçam os direitos sexuais e a complexidade das experiências afetivas das mulheres privadas de liberdade.

Palavras-chave: Mulheres; Prisões; Sexualidade; Gênero; Relações Sociais.

## AFFECTIVE AND SEXUAL RELATIONSHIPS BETWEEN WOMEN IN PRISON

### ABSTRACT

Affective–sexual relationships among incarcerated women constitute experiences shaped by gender inequalities, institutional control, and the weakening of social bonds. This study aimed to analyze the factors that influence affective–sexual relationships among incarcerated women, considering the institutional context, power relations, and social markers that permeate these experiences. This is a field study with a qualitative approach, conducted in a female prison in the municipality of Salvador, Bahia, Brazil. Data production was carried out through semi-structured interviews with 13 incarcerated women participating in socio-educational workshops, and the analysis was conducted using content analysis. Four analytical categories emerged: family abandonment and partnership; need; safety; and physical attraction. The results indicate that affective–sexual relationships in prison are configured as strategies for coping with incarceration, associated with emotional deprivation, the search for protection, and

## RELACIONAMENTOS AFETIVO-SEXUAIS ENTRE MULHERES NO PRESÍDIO

the reconstruction of affective bonds in the face of family abandonment and institutional control. It was also observed that physical attraction is articulated through performative expressions of gender, especially the valorization of masculinized performances, understood as socially situated constructions rather than natural or pathological dispositions. It is concluded that the experience of sexuality in the female prison context is relational, dynamic, and socially constructed, and is traversed by interseccional markers of gender, race, class, and sexuality, highlighting the need for institutional policies and practices that recognize sexual rights and the complexity of the affective experiences of incarcerated women.

Keywords: women; arrests; sexuality; gender; social relationships.

### INTRODUÇÃO

Os relacionamentos afetivos sexuais entre Mulheres Privadas de Liberdade (MPL) são, para algumas, um mecanismo fundamental para enfrentar a vida no presídio. Neste novo ambiente, os laços criados ganham força e podem tornar a estadia mais suportável, considerando o convívio social interrompido.

O sistema prisional brasileiro possui a terceira maior população prisional do mundo e a quarta maior população prisional feminina. No ano de 2017, o Brasil apresentava 37.828 MPL. Isso representa uma taxa de aprisionamento de 35,52 mulheres presas para cada 100 mil mulheres no território brasileiro. Apenas na Bahia, neste mesmo ano, houve 633 mulheres custodiadas (Brasil, 2019).

Considerando-se a série histórica de 2000 a 2017, observa-se crescimento constante e acentuado do encarceramento de mulheres no Brasil (Brasil, 2019). Esses dados evidenciam que o aumento do número de MPL deve ser abordado como problema social de relevância e cujas causas e efeitos merecem ser descritos com maior precisão.

Sabe-se que a inserção das mulheres no ambiente criminal está relacionada a desigualdades de gênero produzidas por uma sociedade machista e patriarcal (Chu, Hebenton, Toh, 2025). Essas desigualdades ocasionam a sujeição de algumas mulheres às vontades de seus cônjuges/companheiros envolvidos com o tráfico de drogas, tornando-as vulneráveis ao aliciamento nesse tipo de prática criminal. Esse fato se reflete nas estatísticas, que mostram

## RELACIONAMENTOS AFETIVO-SEXUAIS ENTRE MULHERES NO PRESÍDIO

que o crime mais frequente entre a população feminina em custódia é o tráfico de drogas, responsável por 59,9% dos casos (Brasil, 2019).

Somam-se às questões de gênero outras iniquidades sociais relacionadas à raça/cor e condição socioeconômica dessas mulheres. De acordo com Cappellari (2018), o sistema prisional caracteriza-se como ambiente seletivo, pautando-se em relações de gênero, raça e classe para fomentar vulnerabilidades em seu contexto. Nesse sentido, as desigualdades estruturais contribuem tanto para o encarceramento de mulheres pretas, pobres e periféricas, quanto para a vivência de violências e discriminações durante a privação de liberdade, uma vez que as mesmas estruturas de desigualdade estão presentificadas nesse ambiente.

Nesse contexto, torna-se fundamental adotar a perspectiva da interseccionalidade, entendida como ferramenta analítica que permite compreender como diferentes marcadores sociais se articulam simultaneamente na produção de desigualdades e opressões (Brasil, 2022). No sistema prisional, essa articulação se manifesta tanto nas trajetórias que conduzem ao encarceramento quanto nas experiências vividas durante a privação de liberdade, intensificando situações de violência institucional, discriminação e negação de direitos.

Um importante aspecto relativo à reprodução de desigualdades estruturais nesse sistema é a implementação de práticas de controle da sexualidade a partir da heteronormatividade. A homossexualidade feminina acaba sendo camuflada na tentativa de desconstruir ou censurar a sua existência, conquanto transcorra como a masculina, o que leva ao aumento de discriminações e violências (Lima, Lasanha, 2020; Milanez et al., 2022).

A partir dessa premissa, durante o encarceramento se faz presente as construções sociais acerca da sexualidade a partir da diferença de gênero, no âmbito da qual se opõe o caráter ativo e intempestivo da sexualidade masculina à passividade e à frigidez feminina (Ferreira, 2023). Assim sendo, para as mulheres, fora da reprodução e da satisfação do desejo masculino não existiria sexualidade. Mesmo em sua reconhecida 'anormalidade', a mulher à quem se permitiria viver a sexualidade de maneira mais livre seria aquela cuja expressão de gênero se assemelha à masculina (Lermen, Silva, 2022).

Embora a Política Nacional de Atenção às Mulheres em Situação de Privação de Liberdade e Egressas do Sistema Prisional (PNAMPE) traga em suas diretrizes a legitimação de ações e regulamentos apropriados às particularidades da mulher no que tange a gênero, sexualidade e orientação sexual, sabe-se que no contexto prisional as MPL são constantemente

## RELACIONAMENTOS AFETIVO-SEXUAIS ENTRE MULHERES NO PRESÍDIO

monitoradas, proibidas e repreendidas no exercício de sua sexualidade, trazendo à tona a reprodução de valores historicamente construídos acerca da normativa de gênero (Figueiredo, Granja, 2020). Deste modo, mesmo em um ambiente de intensa convivência feminina, perpetua-se a heterossexualidade compulsória, segundo o qual as expressões aceitáveis de sexualidade devem atender aos padrões vigentes de normatividade, limitando as possibilidades de expressão da sexualidade e violando direitos sexuais dessas mulheres.

Em suas reflexões sobre o dispositivo da sexualidade, Foucault (2024) argumenta que esse controle se manifesta como forma de exercício de poder, implementado por meio de mecanismos institucionais disciplinares. Esses mecanismos têm o objetivo de moldar corpos dóceis e conformes à moralidade heteronormativa. No contexto prisional, esse controle se intensifica devido à vigilância constante e à punição de desvios da normatividade vigente.

Em detrimento do que recomenda a PNAME, é perceptível que as MPL são desassistidas ao terem sua expressão da sexualidade reprimida. Estes aspectos podem desfavorecer a qualidade de vida dessas mulheres, pois a sexualidade está diretamente ligada aos aspectos biopsicossociais do sujeito, sendo fundamental na política de saúde e na atenção integral à saúde da mulher, embora sua abordagem ainda esteja consideravelmente restrita ao cuidado a enfermidades (Laguna et al., 2025).

A sexualidade não se restringe ao ato ou relação sexual, englobando também a orientação sexual, afetividade, intimidade, prazer, expressão de identidades e performances de gênero (Organização Mundial da Saúde, 2006). Vale ressaltar que ela cumpre papel central no desenvolvimento humano, constituindo processos de subjetivação e construção de identidades. Dessa forma, qualquer prática visando à supressão dessa vivência se apresenta como violação de direitos sexuais e de direitos humanos.

Impõe-se, portanto, a necessidade de criar artifícios para escapar da supremacia do controle e monitorização dos corpos das MPL (Figueiredo; Granja, 2020). Assim sendo, os relacionamentos afetivo-sexuais entre mulheres se efetivam no espaço da transgressão, colocando-se como estratégia de resistência ao controle dos corpos femininos. Contudo, a violação das regras e interdições resultam em advertências, restrições e isolamentos, dificultando ainda mais a resistência desses relacionamentos, sejam eles declarados ou não (Carvalho, Mello, 2021; Figueiredo, Cunha, Stengel, 2022).

## RELACIONAMENTOS AFETIVO-SEXUAIS ENTRE MULHERES NO PRESÍDIO

Todavia, mesmo enfrentando inúmeros obstáculos, os relacionamentos afetivo-sexuais entre MPL propiciam ricas vivências e transformações em um ambiente marcado por violências institucionais (Figueiredo, Stengel, Oliveira, 2022). Apesar da relevância do tema, observa-se escassez de estudos que abordem essas vivências a partir das narrativas das próprias MPL, especialmente no contexto prisional feminino brasileiro.

Diante desse cenário, emerge a seguinte questão de pesquisa: como MPL constroem e vivenciam relacionamentos afetivo-sexuais no contexto do cárcere feminino, e quais fatores influenciam essas experiências?

Assim, o presente estudo tem como objetivo analisar os fatores que influenciam os relacionamentos afetivo-sexuais entre MPL, considerando o contexto institucional, as relações de poder e os marcadores sociais que atravessam essas vivências. Ao dar centralidade às narrativas das próprias mulheres, busca-se contribuir para o aprofundamento do debate sobre gênero, sexualidade e encarceramento feminino, bem como para a reflexão crítica sobre políticas públicas e práticas institucionais voltadas a essa população.

### METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa de campo de caráter exploratório-descritivo, com uma abordagem qualitativa. Essa abordagem é essencial, pois permite uma investigação que se concentra em compreender fenômenos sociais de maneira mais profunda e detalhada (Cardano, 2017).

Essa pesquisa seguiu as diretrizes do Consolidated Criteria for Reporting Qualitative Research (COREQ) durante o seu desenvolvimento e na elaboração deste manuscrito. Logo, os 32 critérios estabelecidos foram cumpridos, garantindo a integridade e a qualidade deste trabalho.

O lócus para desenvolvimento desta pesquisa é o Conjunto Penitenciário Feminino alocado na cidade de Salvador-BA e as participantes do estudo foram as MPL sentenciadas, processadas e de alta periculosidade, que estiveram nas oficinas realizadas pelo grupo na instituição, e eram selecionadas com apoio da psicóloga da instituição.

Essas oficinas foram realizadas no intuito de promover educação em saúde a esse público marginalizado pela sociedade, tratavam-se de rodas de conversas envolvendo temáticas sobre saúde mental, cuidados com o corpo, câncer de mama e colo de útero, e

## RELACIONAMENTOS AFETIVO-SEXUAIS ENTRE MULHERES NO PRESÍDIO

Infecções Sexualmente Transmissíveis.

O formato de oficina foi escolhido como estratégia de aproximação porque cria um espaço horizontal e dialógico, que facilita o vínculo com grupos em situação de vulnerabilidade e, ao mesmo tempo, permite produzir dados sobre suas experiências e necessidades em saúde. Sob esse viés, as rodas de conversa possibilitaram a emergência de narrativas, demandas e sentidos que dificilmente se expressariam em abordagens individuais ou estritamente clínicas (Ribeiro et al., 2023).

Importa salientar que, neste estudo, as oficinas não foram concebidas como intervenção em saúde, no sentido de um programa estruturado para produzir mudanças específicas de comportamento, mas como dispositivo metodológico de pesquisa, configurando um locus de encontro e produção de dados, no qual se observaram e analisaram discursos, afetos e relações produzidos na interação entre pesquisadoras e participantes.

A equipe da pesquisa se reuniu previamente com a diretoria do presídio, profissionais já conhecidos em virtude das atividades e ações recorrentes realizadas nesse espaço. Durante o encontro, foi compartilhada com a coordenação a proposta de trabalho, após entendimento e acordo, a equipe de diretoria da unidade prisional convidou as mulheres para participação das oficinas, divulgados previamente os dias e horários dos encontros. Vale ressaltar, havia um cuidado em reunir as participantes que estivessem em situação prisional similar, por exemplo as sentenciadas ficavam em um grupo e as provisórias em outro. A participação era voluntária e estava atrelada ao interesse delas em dialogar sobre os temas abordados.

As oficinas duravam cerca de uma hora e meia, e iniciavam com relaxamento e apresentação pessoal, em seguida era exposta a dinâmica elaborada para abordar a temática. Durante a finalização da roda, as participantes eram convidadas, conforme disponibilidade, para participar da entrevista. E, assim, se iniciava a coleta de forma individualizada, em uma sala reservada próxima ao pátio onde estava ocorrendo a atividade, juntamente com a psicóloga e uma agente penitenciária.

A presença da psicóloga justificava-se pela necessidade de oferecer suporte emocional durante as discussões, acolher possíveis emergências decorrentes das temáticas e contribuir tecnicamente para o manejo dos afetos mobilizados no grupo. Já a participação da agente penitenciária relacionava-se às exigências institucionais de segurança, assegurando o cumprimento das normas da unidade e o deslocamento das mulheres até o local das oficinas,

## RELACIONAMENTOS AFETIVO-SEXUAIS ENTRE MULHERES NO PRESÍDIO

sem intervir no conteúdo das falas.

A coleta de dados para a elaboração desta pesquisa ocorreu entre maio e junho de 2023, por meio de entrevistas semiestruturadas com questões relativas aos dados sociodemográficos e aos relacionamentos afetivo-sexuais, realizadas após a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido pelas participantes. As entrevistas foram registradas em áudio, com autorização prévia das mulheres, e posteriormente transcritas na íntegra, preservando-se expressões, pausas e particularidades da fala, a fim de manter a fidelidade aos discursos.

Ressalta-se que foi assegurado o sigilo das participantes, sem citação de nomes nos dados e resultados, adotando-se nomes de flores para identificá-las, bem como o direito de desistência em qualquer etapa da pesquisa, sem prejuízo às mulheres envolvidas.

A seleção das falas para análise decorreu de uma leitura exaustiva do material transcrito, identificando-se unidades de sentido relacionadas aos objetivos do estudo, agrupadas em eixos temáticos; a partir desses eixos, destacaram-se trechos que melhor exemplificavam as categorias analíticas construídas, preservando a diversidade das experiências e evitando repetições excessivas.

Foram considerados elegíveis para o estudo as mulheres que participaram das oficinas, não possuíam medidas restritivas de circulação no presídio e que tiveram ou têm práticas sexuais e afetivas com outras mulheres, sendo excluídas aquelas que apresentavam alguma restrição no período da coleta, instabilidade emocional ou que recusaram participar. Ao final, 13 mulheres compuseram o corpus do estudo e foram entrevistadas conforme o instrumento de coleta.

Os dados foram organizados conforme o referencial teórico-metodológico proposto por Bardin (2011). Foi realizada a análise de conteúdo sistematizada, pois permite a objetivação de conteúdos manifestos e latentes nos discursos por meio de procedimentos operacionais e rigorosos. Assim, a aplicação da técnica seguiu com o cumprimento de algumas fases: Fase de pré-exploração do material; a seleção das unidades de análise e o processo de categorização e subcategorização.

A construção das categorias analíticas emergiu de forma indutiva a partir das unidades de sentido identificadas nos discursos, articuladas aos objetivos da pesquisa, resultando em quatro eixos principais: “Abandono familiar e parceria”, que abrange

## RELACIONAMENTOS AFETIVO-SEXUAIS ENTRE MULHERES NO PRESÍDIO

experiências de rejeição familiar e busca por apoio afetivo; “Necessidade”, relacionada às dimensões pragmáticas e emocionais das relações; “Segurança”, que revela a valorização da proteção mútua no contexto prisional; e “Atração física”, centrada nas dimensões corpóreas e sensoriais das vivências afetivo-sexuais.

Posteriormente, realizou-se a triangulação com a literatura científica sobre relacionamentos lésbicos, afetividade feminina e vulnerabilidades no encarceramento, aprofundando a interpretação dos fenômenos observados e conferindo validade às categorias construídas.

O projeto de pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade do Estado da Bahia em 18/04/2023, sob Parecer número 6.008.690; e CAAE 68425523.8.0000.0057, atendendo às normas nacionais de ética em pesquisa envolvendo seres humanos considerados na Resolução Conselho Nacional de Saúde nº 466/2012 e 512/2016.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

O grupo investigado foi composto por mulheres com idades entre 20 e 49 anos, sendo cinco de 20 a 29 anos, sete de 30 a 39 anos e uma de 40 a 49 anos. Quanto à raça/cor, nove se autodeclararam pardas e quatro negras. Em relação ao grau de instrução, quatro tinham ensino fundamental incompleto, três ensino médio incompleto, quatro ensino médio completo, uma ensino superior incompleto e uma ensino superior completo. Sobre o vínculo empregatício, seis eram autônomas, quatro possuíam carteira assinada e três nunca trabalharam. No que se refere ao estado civil, nove eram solteiras e quatro casadas.

O perfil sociodemográfico deste estudo condiz com estudos e relatórios anteriores, mostrando que as MPL são majoritariamente compostas por jovens negras, de baixa escolaridade e em situação de vulnerabilidade social (Brasil, 2017, 2018). Esse perfil revela que as mulheres negras enfrentam tripla discriminação por gênero, raça e classe social, situando-se na base da pirâmide da pobreza (Prudente, 2021). Assim, Akotirene (2019) enfatiza a importância da análise da interseccionalidade desses marcadores sociais para entender as iniquidades que estruturam a sociedade. Essas iniquidades são ainda mais acentuadas no sistema prisional, onde a falta de acesso a recursos, educação e apoio social agrava a vulnerabilidade e marginalização dessas mulheres.

## RELACIONAMENTOS AFETIVO-SEXUAIS ENTRE MULHERES NO PRESÍDIO

### Abandono familiar e parceria

Esta categoria analisa as experiências de abandono e ruptura de vínculos afetivos vivenciadas pelas MPL e a emergência de parcerias afetivo-sexuais no interior do cárcere como resposta a essas discontinuidades.

Antes do encarceramento, muitas participantes relataram manter relacionamentos com pessoas do sexo oposto. No entanto, ao descreverem suas experiências após a prisão, várias delas revelaram não ter vínculos amorosos externos, mesmo que algumas ainda fossem casadas. As falas indicam o término ou enfraquecimento desses vínculos a partir da privação de liberdade, conforme exemplificam os relatos:

*“Tenho uma parceira aqui dentro e lá fora, antes tinha um parceiro”*

*(Hibisco, 31 anos)*

*“Terminamos quando eu vim para cá” (Begônia, 34 anos)*

O abandono afetivo relatado pelas participantes não pode ser compreendido como evento isolado, mas como experiência social produzida no contexto do encarceramento feminino. Conforme explicita Costa et al. (2024) em estudo descritivo e exploratório com dez profissionais de saúde diretamente relacionados à assistência de MPL em Natal, as mulheres tendem a receber menos visitas e apoio familiar quando comparadas aos homens encarcerados, refletindo desigualdades de gênero que atravessam as relações afetivas e familiares.

Isso mostra como a prisão opera como dispositivo que fragiliza vínculos preexistentes, sobretudo aqueles sustentados por expectativas sociais de cuidado feminino, disponibilidade emocional e manutenção da família (Scherer et al., 2020). Nesse sentido, a ruptura desses laços contribui para o isolamento social e emocional das mulheres, intensificando sentimentos de solidão e abandono.

Diante desse cenário de fragilização, os relacionamentos afetivo-sexuais estabelecidos no interior do cárcere surgem como formas de reconstrução de laços, oferecendo suporte emocional e sensação de pertencimento (Gomes et al., 2024). Portanto, essa categoria destaca que a construção da homoafetividade nesse contexto não se configura como transgressões morais, mas como estratégias relacionais construídas a partir do abandono e da escassez de afeto.

## RELACIONAMENTOS AFETIVO-SEXUAIS ENTRE MULHERES NO PRESÍDIO

### Necessidade

Esta categoria, por sua vez, analisa como a carência emocional, a busca por segurança e a necessidade de suporte influenciam a construção de relacionamentos afetivos-sexuais entre MPL. Diante disso, objetiva-se compreender de que modo essas relações emergem como estratégias de enfrentamento do encarceramento, em um contexto marcado por controle institucional.

Quando questionadas a respeito da sua orientação sexual, seis mulheres declararam-se homossexuais, apesar de sete delas tenham relatado que antes do presídio já mantinham relacionamentos com outras mulheres. Essas experiências prévias são evidenciadas nas falas a seguir:

*“Sempre me relacionei com mulheres” (Girassol, 45 anos)*

*“A única relação que tive com homem foi com o pai do meu filho”  
(Hortênsia, 20 anos)*

As outras sete afirmaram ser bissexuais, e em relato, informaram que o primeiro contato com outras mulheres ocorreu dentro do presídio. Segundo essas mulheres, tais relações foram motivadas por sentimentos de carência, necessidade de respeito e busca por proteção, como demonstram os relatos:

*“... é mais pela necessidade e parceria. sentimento é só lá na hora, depois acaba só para passar a vontade e ter segurança, alguém para contar.”  
(Begônia, 34 anos)*

*“a primeira vez que me relacionei com outra mulher foi aqui... busquei a companhia de outra porque estava muito carente, me sinto insegura por conta dos sentimentos” (Rosa, 26 anos)*

*“...em relação a minha parceira me sinto segura porque ela me faz bem, me respeita. Não sinto julgamento por parte das outras mulheres.”  
(Hortênsia, 20 anos)*

Os fatores mencionados pelas MPL, como carência, respeito e proteção, estão em consonância com a literatura existente, influenciando a prática dos relacionamentos afetivo-sexuais dentro do cárcere. O ambiente prisional, por sua natureza hostil, repreende duplamente o gênero feminino pela aplicação da lei e pela ruptura dos estereótipos associados

## RELACIONAMENTOS AFETIVO-SEXUAIS ENTRE MULHERES NO PRESÍDIO

ao ser mulher, resultando em solidão e invisibilidade social para essas mulheres (Neris, Santana, 2023).

Em detrimento disso, o acolhimento encontrado por outras mulheres que estão dentro do ambiente prisional revelou-se como estratégia de enfrentamento do cárcere, possibilitando suporte social e emocional que vai além do sexual (Lermen, Silva, 2022). Deste modo, a homoafetividade no ambiente prisional revela-se como estratégia de enfrentamento desse meio social opressivo, a fim de preencher as particularidades como angústias, medos e carências tanto afetivos quanto sexual, ocasionadas pelas privações (Daré, 2018).

Alguns vínculos afetivo-sexuais estabelecidos no contexto prisional são vivenciados como circunscritos ao período de reclusão, condição que se relaciona às experiências de estigmatização e preconceito enfrentadas por essas mulheres, tanto no interior da instituição quanto na perspectiva do retorno à vida em liberdade. O receio de acumular marcas sociais associadas à privação de liberdade, à orientação sexual e ao gênero contribui para que tais relações sejam elaboradas como experiências situadas no tempo do encarceramento, sem que isso implique desqualificação de seus sentidos afetivos (Daré, 2018). Essa compreensão pode ser observada no relato a seguir:

*"...eu fico mais só para "tirar a cadeia", para suprir minhas necessidades, me envolver, ter um suporte aqui dentro..." (Begônia, 34 anos)*

Vale ressaltar que os estigmas sociais associados a ser mulher, preta, de baixa renda e LGBTQIAPN+ não atuam de forma isolada, mas de maneira articulada, compondo um conjunto de marcadores sociais que se sobrepõem e intensificam experiências de discriminação no contexto prisional. À luz do conceito de interseccionalidade, essas dimensões produzem vulnerabilidades específicas que atravessam o encarceramento feminino, contribuindo para a reprodução do racismo, do preconceito e das violências institucionais e estatais vivenciadas durante a reclusão (Akotirene, 2019; Cappellari, 2018).

### **Segurança**

Agora, nesta categoria analisa-se a segurança como elemento central na constituição dos relacionamentos afetivo-sexuais entre MPL. Assim, pretende-se compreender de que modo esses vínculos produzem sensações de proteção, confiança e cuidado.

## RELACIONAMENTOS AFETIVO-SEXUAIS ENTRE MULHERES NO PRESÍDIO

Nesse sentido, todas as entrevistadas relataram se relacionar com outras mulheres tanto afetivamente quanto sexualmente. Ao serem questionadas sobre como se sentiam e como percebiam a vivência do relacionamento homoafetivo dentro do presídio, as participantes destacaram sentimentos associados à segurança, conforme evidenciam os relatos:

*“me sinto segura e posso confiar na minha companheira pra tudo aqui dentro” (Copo-de-leite, 20 anos)*

*“Eu acho que é mais por carência. Me sinto segura. Ela me dá afeto e cuida de mim. Me protege, tem horas que eu falo pra ela que tá parecendo minha mãe” (Dália, 33 anos)*

*“Não tenho mais intimidade com homem. Com mulher tem carinho, atenção. Me sinto segura porque a minha parceira atual é verdadeira comigo, me protege” (Magnólia, 21 anos)*

Outras falas reforçam a percepção de aceitação e respeito no contexto dos relacionamentos estabelecidos:

*“Bem melhor, tenho mais intimidade, mais respeito e me sinto segura porque existe aceitação por parte de outras mulheres.” (Lírio, 29 anos)*

*“Me sinto segura, porque tenho parcerias.” (Lavanda, 31 anos)*

*“Me sinto segura porque aqui tenho uma pessoa que cuida de mim, me respeita, supriu a minha carência.” (Margarida, 36 anos)*

Essas narrativas evidenciam que os relacionamentos de MPL vão muito além da convivência cotidiana forçada. Esses vínculos são marcados por sentimentos de carinho, parceria e cuidado mútuo.

Reforçando esse achado, estudo realizado por Costa et al. (2019) com 34 mulheres em Minas Gerais evidencia a fluidez da sexualidade dessas participantes. Antes do encarceramento, elas se identificavam como heterossexuais, mas durante o período de reclusão, relataram a possibilidade de estabelecer relações homoafetivas. Esse achado corrobora a noção de que a sexualidade é um espectro fluido e dinâmico, não uma categoria fixa (Costa-Val et al., 2022; Silva et al., 2022).

Pesquisas anteriores também demonstraram que o ambiente e as circunstâncias da vida podem influenciar a expressão da sexualidade de indivíduos, especialmente em

## RELACIONAMENTOS AFETIVO-SEXUAIS ENTRE MULHERES NO PRESÍDIO

contextos de privação de liberdade (Damacena, Lima, 2022; Silva et al., 2022). Portanto, os resultados desse estudo reforçam a compreensão da sexualidade como um fenômeno complexo e multifacetado, que não se limita a rótulos binários, mas abrange a ampla gama de possibilidades e experiências.

Ademais, a construção de relacionamentos homoafetivos no contexto prisional relaciona-se a múltiplos fatores, incluindo a busca por apoio emocional diante da carência afetiva, a necessidade de proteção em um ambiente percebido como intimidador e as estratégias de sobrevivência mobilizadas frente à escassez de recursos materiais. Nesse sentido, tais vínculos são atravessados por dinâmicas de poder próprias do cárcere, não como expressão de instrumentalização da sexualidade, mas como produções relacionais situadas em um contexto institucional marcado por hierarquias, controle e desigualdades (Figueiredo, Stengel, Oliveira, 2022).

Dessa forma, a segurança emerge como dimensão central nos relacionamentos entre MPL, constituindo-se como resposta às condições estruturais de insegurança e controle institucional. Os vínculos estabelecidos entre elas operam como estratégia de enfrentamento, possibilitando proteção mútua e negociação cotidiana da vida prisional (Figueiredo, Cunha, Stengel, 2022).

### Atração Física

Por fim, essa seção analisa como a atração física entre MPL se articula às expressões de gênero no contexto prisional, especialmente no que se refere à valorização de performances associadas à masculinidade.

Durante as entrevistas, as participantes relataram que a atração por outras mulheres no contexto prisional estava frequentemente associada a determinadas expressões de gênero, especialmente aquelas que remetem a performances masculinizadas, conforme evidenciam os relatos a seguir:

*“Me sinto atraída demais por aquelas que parecem com homens” (Rosa, 26 anos)*

*“Sim, bastante atraída, precisa ser igual a ‘homi’ e me dá carinho e segurança” (Magnólia, 21 anos)*

*“Sim, gosto de ‘mulheres masculinas’” (Lírio, 29 anos).*

## RELACIONAMENTOS AFETIVO-SEXUAIS ENTRE MULHERES NO PRESÍDIO

As falas indicam que a atração não se restringe à aparência física, mas envolve atributos relacionados à postura, comportamento e sensação de proteção percebida nas relações estabelecidas no cárcere.

As expressões de gênero mencionadas pelas participantes precisam ser compreendidas como construções sociais e culturais que ganham sentidos específicos no contexto prisional. No cárcere feminino, algumas mulheres passam a adotar nomes, vestimentas, posturas corporais e comportamentos associados socialmente à masculinidade, nem sempre como transição para uma identidade de gênero, mas como performances associadas aos estereótipos comportamentais da masculinidade (Lermen, Silva, 2022).

Segundo Barcinski (2012), para o entendimento desse significado é necessário desdobrar-se nas questões de gênero, compreendendo o papel social e cultural da masculinidade na sociedade.

Os papéis de gênero são construções sociais e culturais que definem expectativa e comportamentos associados à masculinidade e feminilidade. De acordo com essa perspectiva, o sexo biológico determina essas construções. Para Butler (2018), não há uma identidade de gênero por trás das expressões de gênero, mas sim uma identidade que é performaticamente constituída pelas próprias expressões. Isso significa que não existe uma essência feminina ou masculina, mas que os papéis de gênero são construídos através de práticas, discursos e vivências sociais.

Diante de tais considerações, a adoção de performances masculinizadas por algumas MPL não deve ser interpretada como masculinização natural ou como negação da feminilidade, mas como prática performativa construída no interior de um contexto social específico (Barcinski, 2012).

Assim, a adoção de comportamentos considerados masculinos, impostos pela sociedade, está diretamente ligada ao poder e aos privilégios que os homens detêm em diversos espaços sociais. A construção da masculinidade em presídios femininos é interpretada como uma forma de reproduzir o machismo, subvertendo o papel da mulher e resultando em comportamentos opressores e dominantes (Figueiredo, Cunha, Stengel, 2022). Embora essas características não sejam explicitamente mencionadas pelas participantes, elas podem emergir nesse contexto.

De acordo com Bispo et al. (2017), mesmo o ambiente prisional feminino sendo

## RELACIONAMENTOS AFETIVO-SEXUAIS ENTRE MULHERES NO PRESÍDIO

estritamente formado por mulheres, o binarismo de gênero é fortemente perpetuado em suas relações dentro do presídio. O respeito adquirido com a performatividade de gênero dentro do presídio possibilita à sobrevivência destas mulheres no ambiente prisional, visto que a sexualidade influencia no comportamento biopsicossocial, atravessando as relações pessoais e interpessoais (Lermen, Silva, 2022).

Dessa forma, a atração física entre MPL evidencia que o desejo e os vínculos afetivo-sexuais são produzidos de maneira situada, atravessados por construções sociais de gênero e pelas dinâmicas de poder que regulam o ambiente prisional. A valorização da masculinidade não implica em uma transição de gênero, mas resulta de processos performativos que conferem inteligibilidade e reconhecimento em contexto marcado por opressão sistêmica.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreende-se como as MPL buscam estratégias para enfrentamento desse momento interrompido da convivência em sociedade, encontrando acolhimento, suporte social e emocional em outras mulheres, dentro do cárcere. Uma vez que essas mulheres, sobretudo negras, pobres e com baixo nível de escolaridade são invisibilizadas e desassistidas pela sociedade, sendo intensificado no âmbito prisional. Diante disto, é notório que as relações de poder e controle sobre os corpos estão diretamente ligadas ao sexismo, na desigualdade de gênero nesse ambiente, sendo fortemente evidenciado pela indiferença das necessidades individuais.

Nesse sentido, os relacionamentos afetivo-sexuais entre MPL está relacionado a diversas questões e complexidades que delimitam o ambiente prisional e as questões de gênero e sexualidade, demonstrando a vulnerabilidade em que se encontram, visto que além de serem punidas legalmente, sofrem pela quebra dos estereótipos construídos acerca do ser mulher quando encontram-se em situação de aprisionamento.

Ademais, saber que a performatividade de gênero ao gerar semelhanças masculinizadas, corrobora também como estratégias de enfrentamento para assim resistir no ambiente prisional, reproduz o quanto a sexualidade induz práticas e hábitos sociais, psicológicos e biológicos, transpassando as relações pessoais e interpessoais.

Como limitações desta pesquisa identificou-se o baixo quantitativo de mulheres, justificado pelo curto período e quantitativo permitido para elaboração das dinâmicas do grupo

## RELACIONAMENTOS AFETIVO-SEXUAIS ENTRE MULHERES NO PRESÍDIO

de pesquisa, bem como dos horários disponibilizados pela instituição coincidirem com outras atividades realizadas por ONGs, instituições religiosas, entre outros, para além da própria funcionalidade do sistema prisional. Ainda, houve limitação no que se refere à escassez de produções científicas que propiciam maior aprofundamento para confronto dos achados. Logo, ressalto a relevância deste estudo ao demonstrar como se dá os relacionamentos afetivos sexuais entre mulheres, evidenciando os enfrentamentos encontrados e mecanismos de resistência adotados neste período de reclusão, a fim de desconstruir os estigmas impostos às MPL.

Por fim, conclui-se que há necessidade do aprimoramento de políticas públicas já existentes voltadas a essa população, bem como o aperfeiçoamento dos profissionais para que se tenha um acolhimento e atendimento à saúde de forma adequada e de qualidade às MPL, e que fortaleça à comunicação do trabalho em redes, quando for necessário o atendimento em outros níveis de atenção à saúde. Para além, ressalto a importância da inclusão dessa temática na graduação objetivando a visibilidade e melhoria da assistência às MPL.

### REFERÊNCIAS

- AKOTIRENE, Carla. *Interseccionalidade*. São Paulo: Pólen Produção Editorial LTDA, 2019.
- BARCINSKI, Mariana. Mulheres no tráfico de drogas: a criminalidade como estratégia de saída da invisibilidade social feminina. *Contextos Clínicos*, v. 5, n. 1, p. 52-61, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.4013/ctc.2012.51.06>.
- BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BISPO, Tânia Christiane Ferreira. *Tecendo um olhar sobre a sexualidade no ambiente prisional*. In: LIMA, Cláudia Feio; REIS, Anderson; DEMÉTRIO, Fran. Sexualidades e saúde: perspectivas para um cuidado ampliado. Editora Bonecker, 2018.
- BRASIL. Conselho Nacional de Justiça. Departamento de Monitoramento e Fiscalização do Sistema Carcerário de Execução de Medidas Socioeducativas. *Regras de Bangkok: regras das nações unidas para o tratamento de mulheres presas e medidas não privativas de liberdade para mulheres infratoras*. Brasília, DF: CNJ, 2022. Disponível em: <https://www.cnj.jus.br/>. Acesso em: 18 jan. 2026
- BRASIL. Ministério da Justiça e Segurança Pública. Departamento de Execução Penal. *Relatório temático sobre mulheres privadas de liberdade: junho de 2017*. Brasília, DF: MJSP, 2019. Disponível em: <https://www.gov.br/pt-br>. Acesso em: 18 jan. 2026.

**RELACIONAMENTOS AFETIVO-SEXUAIS ENTRE MULHERES NO PRESÍDIO**

BRASIL. Ministério da Justiça e Segurança Pública. Departamento Penitenciário Nacional. *Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias*. 2. ed. Brasília, DF: MJSP, 2018. Disponível em: <https://www.gov.br/pt-br>. Acesso em: 18 jan. 2026.

BRASIL. Ministério da Justiça e Segurança Pública. Departamento Penitenciário Nacional. *Relatório temático sobre mulheres privadas de liberdade*. Brasília, DF: MJSP, 2017. Disponível em: <https://www.gov.br/pt-br>. Acesso em: 18 jan. 2026.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Editora José Olympio, 2018.

CAPPELLARI, Mariana Py Muniz. Gêneros encarcerados: LGBTs no sistema prisional brasileiro. *Revista Eletrônica da Faculdade de Direito de Pelotas*, v. 4, n. 1, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.15210/rfdp.v4i1.13722>.

CARDANO, Mario. *Manual de pesquisa qualitativa*. A contribuição da teoria da argumentação. Tradução: Elisabeth da Rosa Conill. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2017.

CARVALHO, Gustavo Pires de; MELLO, Marília Montenegro Pessoa de. Interações entre crime e sexualidade nas agências punitivas. *Revista Direito e Práxis*, v. 12, n. 03, p. 1869-1894, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2179-8966/2020/49498>.

CHU, Doris C.; HEBENTON, Bill; TOH, Albert. Gender equality and female incarceration: Evidence from global and regional analyses. *Criminology & Criminal Justice*, v. 25, n. 3, p. 753-776, 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/17488958221151112>.

COSTA, Fernanda Thayná Cruz da et al. A assistência em saúde de mulheres privadas de liberdade em um presídio do Rio Grande do Norte. *Trabalho, Educação e Saúde*, v. 22, p. e02847270, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1981-7746-ojs2847>.

COSTA, Lúcia Helena Rodrigues et al. Gênero no contexto dos direitos sexuais e reprodutivos de mulheres privadas de liberdade. *Enfermería Global*, v. 15, n. 3, p. 138-175, 2019. Disponível em: <https://www.proquest.com>.

COSTA-VAL, Alexandre et al. O cuidado da população LGBT na perspectiva de profissionais da Atenção Primária à Saúde. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, v. 32, n. 2, p. e320207, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-73312022320207>.

DARÉ, Tatiana. Prisioneiras: reflexões sobre mulheres jovens, vítimas e perpetradoras da violência. Configurações. *Revista Ciências Sociais*, n. 21, p. 64-79, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.4000/configuracoes.5147>.

FERREIRA, Guilherme Gomes. Questão penitenciária, gênero e sexualidade: análise do tratamento penal gaúcho para pessoas LGBTI+. *Serviço Social & Sociedade*, v. 146, p. 204-223, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0101-6628.310>.

FIGUEIREDO, Ana Cristina Costa; CUNHA, Manuela Ivone da; STENGEL, Márcia. Relacionamentos afetivo-sexuais de mulheres encarceradas em presídios mistos brasileiros.

**RELACIONAMENTOS AFETIVO-SEXUAIS ENTRE MULHERES NO PRESÍDIO**

*Psicologia: Ciência e Profissão*, v. 42, p. e239033, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-3703003239033>.

FIGUEIREDO, Ana Cristina Costa; GRANJA, Rafaela Patrícia Gonçalves. Lazos Familiares y Afetivo-Sexuales de las Mujeres en las Cárceles Brasileñas y Portuguesas. *Revista Subjetividades*, v. 20, n. 3, p. 1-12, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.5020/23590777.rs.v20i3.e10358>.

FIGUEIREDO, Ana Cristina Costa; STENGEL, Márcia; OLIVEIRA, Alexandra. Sexualidade das mulheres em um presídio misto brasileiro: relações de poder e violências múltiplas. *Sociedade e Estado*, v. 37, p. 531-549, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s0102-6992-202237020007>.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Editora Vozes, 2024.

GOMES, Livia Luciana Barros et al. Impactos psicossociais nas sexualidades de pessoas em contextos de institucionalização. *Revista Psicologia, Diversidade e Saúde*, v. 13, p. e5266-e5266, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.17267/2317-3394rpds.2024.e5266>.

LAGUNA, Gabriela Garcia de Carvalho et al. Entre barras e barreiras: revisão sobre saúde sexual e reprodutiva de mulheres presas. *Revista Brasileira de Medicina de Família e Comunidade*, v. 20, n. 47, p. 4598-4598, 2025. Disponível em: [https://doi.org/10.5712/rbmfc20\(47\)4598](https://doi.org/10.5712/rbmfc20(47)4598).

LERMEN, Helena Salgueiro; SILVA, Martinho Braga Batista. Homens nas fronteiras das prisões femininas: um estudo etnográfico em dias de visita. *Sexualidad, Salud y Sociedad*, p. e22201, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1984-6487.sess.2022.38.e22201.a>.

LIMA, Luís Antônio Gomes; DAMACENA, Felipe Carvalho. Experiências de bissexuais em psicoterapia: “cura bi”, discriminação e patologização do sofrimento social. *Revista Debates Insubmissos*, v. 5, n. 16, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.32359/debin2022.v4.n16.p97-131>.

LIMA, Michael Augusto Souza de; SALDANHA, Ana Alayde Werba. (In) visibilidade lésbica na saúde: análise de fatores de vulnerabilidade no cuidado em saúde sexual de lésbicas. *Psicologia: Ciência e Profissão*, v. 40, p. e202845, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-3703003202845>.

MILANEZ, Letícia de Sousa et al. Saúde de lésbicas: experiências do cuidado das enfermeiras da atenção básica. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 27, p. 3891-3900, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-812320222710.06912022>.

NERIS, Carolina Souza; DE SANTANA, Isabela Oliveira. A solidão das mulheres no sistema carcerário: da invisibilidade ao abandono. *Revista Científica do CPJM*, v. 2, n. Especial, p. 310-325, 2023. Disponível em: <https://rcpjm.emnuvens.com.br/revista/article/view/184>.

PRUDENTE, Eunice Aparecida. *Raça e Gênero: discriminações, interseccionalidades e resistências*. EDUC—Editora da PUC-SP, 2021.

**RELACIONAMENTOS AFETIVO-SEXUAIS ENTRE MULHERES NO PRESÍDIO**

RIBEIRO, Maria de Nazaré de Souza et al. Rodas de conversa como dispositivo de dialogicidade pedagógica para grupos em situação de vulnerabilidade em saúde. *Revista Contribuciones a las Ciencias Sociales*, v. 16, n. 9, p. 17017-17029, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.55905/revconv.16n.9-190>.

SCHERER, Zeyne Alves Pires et al. Mulheres privadas de liberdade: representações sociais de prisão, violência e suas consequências. *Revista Brasileira de Enfermagem*, v. 73, p. e20180781, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2018-0781>.

SILVA, Naiara Regner et al. A heteronormatividade e a saúde de mulheres bissexuais e lésbicas universitárias. *Revista Família, Ciclos de Vida e Saúde no Contexto Social*, v. 10, n. 3, p. 501-514, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.18554/refacs.v10i3.5962>.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). *Defining sexual health: report of a technical consultation on sexual health, 28-31 January 2002*, Geneva. Geneva: World Health Organization, 2006. Disponível em: <https://www.who.int/>. Acesso em: 18 jan. 2026.

**Autor correspondente:**

Ananda Santos Pimentel

Universidade Federal da Bahia – UFBA

Av. Milton Santos, s/nº - Ondina, Salvador/BA, Brasil. CEP 40170-110

[nandspimentel16@gmail.com](mailto:nandspimentel16@gmail.com)

Este é um artigo de acesso aberto distribuído sob os termos da licença Creative Commons.

